

“O Apanhador
no Campo de
Centeio para
mulheres.”

MARIANNE
HELLER

por

PHOEBE
GLOECKNER

DIÁRIO *de uma* GAROTA NORMAL

ALGUNS SEGREDOS
NUNCA DEVERIAM
SER REVELADOS...

©MinnieGoetze



“Phoebe Gloeckner
criou uma das obras
mais inovadoras que
retratam a vida das
jovens mulheres.”

 FARO
EDITORIAL

- THE NEW YORK TIMES

Diário de uma Garota Normal

por Phoebe Gloeckner

Tradução de André de Oliveira Lima



COPYRIGHT © 2002, BY PHOEBE GLOECKNER

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2015

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e projeto gráfico **PHOEBE GLOECKNER E CARL GREENE**

Ilustrações **PHOEBE GLOECKNER (EXCETO QUANDO INDICADO NAS NOTAS NO FIM DO LIVRO.)**

Adaptação de projeto e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gloeckner, Phoebe

Diário de uma garota normal / Phoebe Gloeckner;
[tradução de André de Oliveira Lima]. — 1. ed. — São Paulo :
Faro Editorial, 2015.

Título original: The Diary of a Teenage Girl.
ISBN 978-85-62409-40-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-01678

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2015

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



Não me lembro de ter nascido.

NÃO ME LEMBRO de ter nascido. Eu era uma criança muito feia. Minha aparência não melhorou, então suponho que foi um golpe de sorte quando ele se sentiu atraído pela minha juventude.

O meu nome é Minnie Goetze.

O meu corpo é razoavelmente bem-proporcional. Eu estou mais para baixa (cerca de um metro e sessenta e dois), com quadris e ombros largos e pouca cintura. Os meus seios continuam crescendo, mas ainda não são grandes. Tenho uma cara angulosa que combina com o meu corpo; grandes olhos verdes, um nariz bastante grande e arrebitado, uma boca comum, dentes quadrados e sobrancelhas escuras.

Vivo em São Francisco, na Clay Street, em um bairro chamado Laurel Heights, a meia quadra do consulado coreano. É um bairro rico, mas nós não somos ricas: moro em um apartamento, no segundo dos três andares de uma casa vitoriana, com a minha mãe e a minha irmã, Gretel, que tem treze anos.

Eu tenho quinze anos. Estou no primeiro ano do colegial.

Gosto de ficar sozinha. Não sou burra e penso bastante. No geral, eu não falo muito a não ser que eu conheça bem a pessoa, neste caso, simplesmente, não consigo parar de falar, a não ser que eu esteja com vontade de ficar quieta, o que ocorre pelo menos duas vezes por dia quando estou com outras pessoas e a maior parte do tempo quando estou sozinha. Sou uma pessoa muito física. Estou sempre correndo de um lado para o outro e às vezes bato nos outros só de brincadeira. Principalmente no Monroe. Trocamos socos o tempo todo. Tenho ido dormir por volta da meia-noite e acordado às nove e meia. Lavo meu cabelo todos os dias. Ontem à noite, eu o cortei. Ele é castanho e passa um pouco dos ombros.

Desenhar e escrever são as coisas de que mais gosto. Também tenho interesse por ciências e os meus avós querem que eu seja médica, porque a minha avó é e eles acham que, de todos os seus netos, sou a que tem mais tendência a seguir os passos dela, mas eu não quero fazer isso.

Na primeira metade do ano escolar, estudei em um colégio interno de Palo Alto. Eu só voltava para casa um fim de semana sim outro não. Cansei disso e implorei para voltar. E aqui estou eu. Comecei a frequentar uma nova escola em janeiro. A minha irmã e eu quase sempre estudamos em escolas particulares, mas porque meu avô paga as mensalidades. Normalmente, somos as garotas mais pobres da escola.

Temos um bichinho de estimação: um gato chamado Domino.

Faz mais ou menos duas semanas que peguei mania por ovos. Como uns quatro por dia, muitas vezes mais, às vezes menos.



Na verdade, aconteceu assim:

Uma noite, o namorado da minha mãe, Monroe, me deixou provar o seu vinho. Estávamos sentados no sofá da sala. A minha mãe e a minha irmã, Gretel, tinham ido dormir. Eu fiquei bêbada e ele não tirava o braço de cima de mim. “Olha só essa camisolinha de flanela”, ele disse. Eu estava usando a camisola com listras brancas e azuis que vovó me deu no Natal. “Assim você fica parecendo uma criança. Mas já tem quinze anos. Meu Deus. Eu não acredito. Parece que foi ontem que eu te conheci. Quantos anos você tinha? Onze ou doze, né? Meu Deus.” Ele mais ou menos roçava o meu seio por cima da camisola, mas eu estava tão surpresa com aquilo que, mesmo suspeitando que fosse grosseiro e arrogante da minha parte imaginar algo feito de propósito, eu me afastei porque não queria que ele sentisse como meus seios eram pequenos, nem sequer por acaso. Achei que deveria dar pouca atenção ao incidente, não importando como eu o interpretasse — nós dois estávamos bêbados. E eu também tinha essa estranha sensação tranquilizadora de que, mesmo se ele tivesse tocado as minhas tetas de propósito, provavelmente, estava tudo bem porque ele é um dos nossos melhores amigos e é um bom sujeito e sabe como são as coisas e eu não.

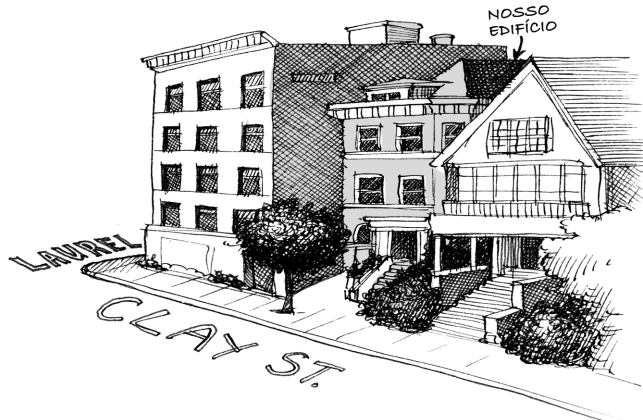
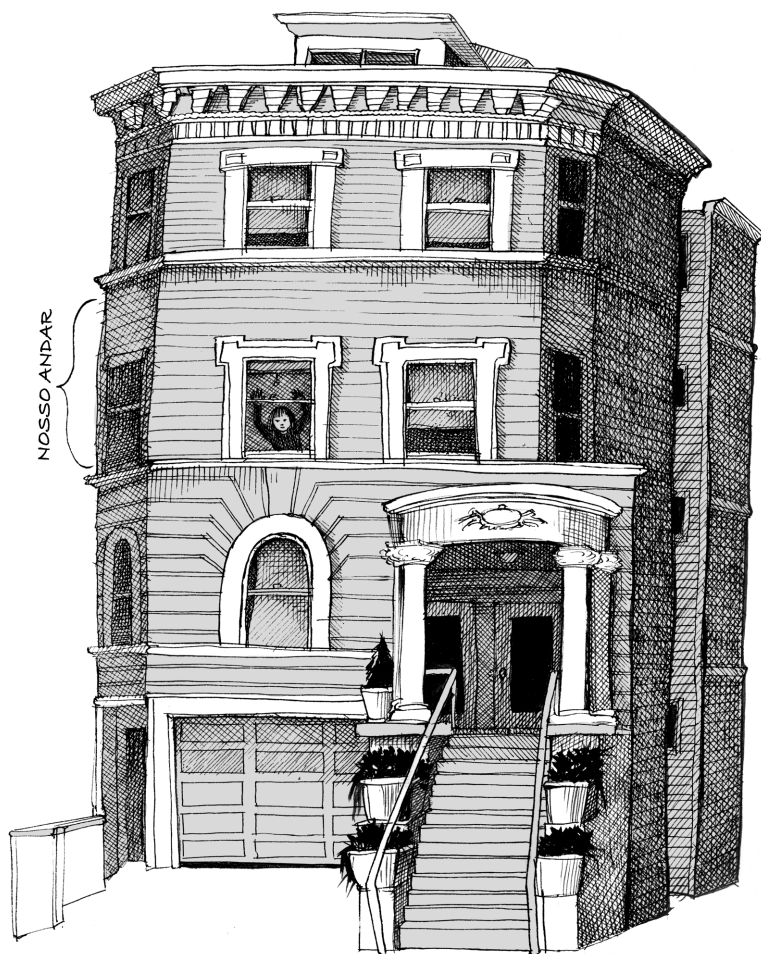
Algumas noites depois, mamãe decidiu que não queria ir a uma casa noturna com o Monroe (do jeito que ela tinha planejado) para ver uns caubóis cantores.

— Por que você não leva a Minnie? — ela disse.

— E então, garota, o que você acha? Quer sair comigo? A sua mãe está me dando o cano!

— Ah, tudo bem... — concordei pouco entusiasmada.

Claro que eu tinha lição de casa, mas e daí? Eu queria ir, então fui e claro que me serviram um drinque ou dois porque eu aparento ser mais velha. E o Monroe sempre parece beber nessas ocasiões. Nós estávamos rindo dos idiotas no palco e a garçonete nos disse que parássemos de fazer aquela droga de barulho, então fomos para o fundo da sala. Ele estava apalpando as minhas tetas, mas eu o interrompi para cambalear em direção ao banheiro feminino. Ele dizia: “Ah, olhe como você está me deixando duro, ah, olhe como você tá me deixando duro.” Então colocou a minha mão dentro da calça dele, mas não me pareceu tão duro. Tinha a pele macia. Não sei o que, exatamente, eu esperava, mas suponho que carne nunca pode ser muito dura, como fórmica ou madeira, porque é, afinal de contas, carne.



Nosso edifício e nossa rua.

Eu disse que queria transar com ele e ele respondeu: você tá louca ah me deus olha-como você tá me deixando duro.

Eu disse: estou falando sério, quero muito, muito, transar com você. Eu ria e aquilo parecia ridículo. Eu nem sabia se falava sério, mas era um jogo divertido e eu estava completamente bêbada.

— Pô, Minnie, você parece chapada — Monroe disse. — Vou te levar para casa. Vou te devolver para a droga da sua mãe.

Ele me arrancou da cadeira e as garçonetes, com cara de tacho e sombra azul nos olhos, ficaram nos encarando como sei lá o que estavam pensando.

Entramos no carro e nós dois estávamos muito, mas muito bêbados. Então ele olhou para mim e disse:

— Eu não posso acreditar que você queira transar comigo. Você quer mesmo transar comigo?

— Que se dane, isso não é da sua conta! — Ri.

— Você quer mesmo transar comigo, não é? Eu não acredito.

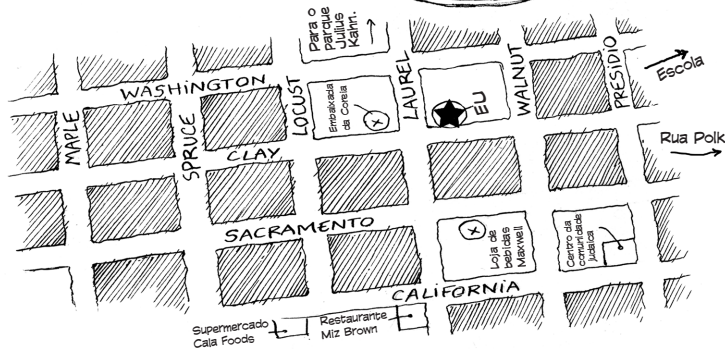
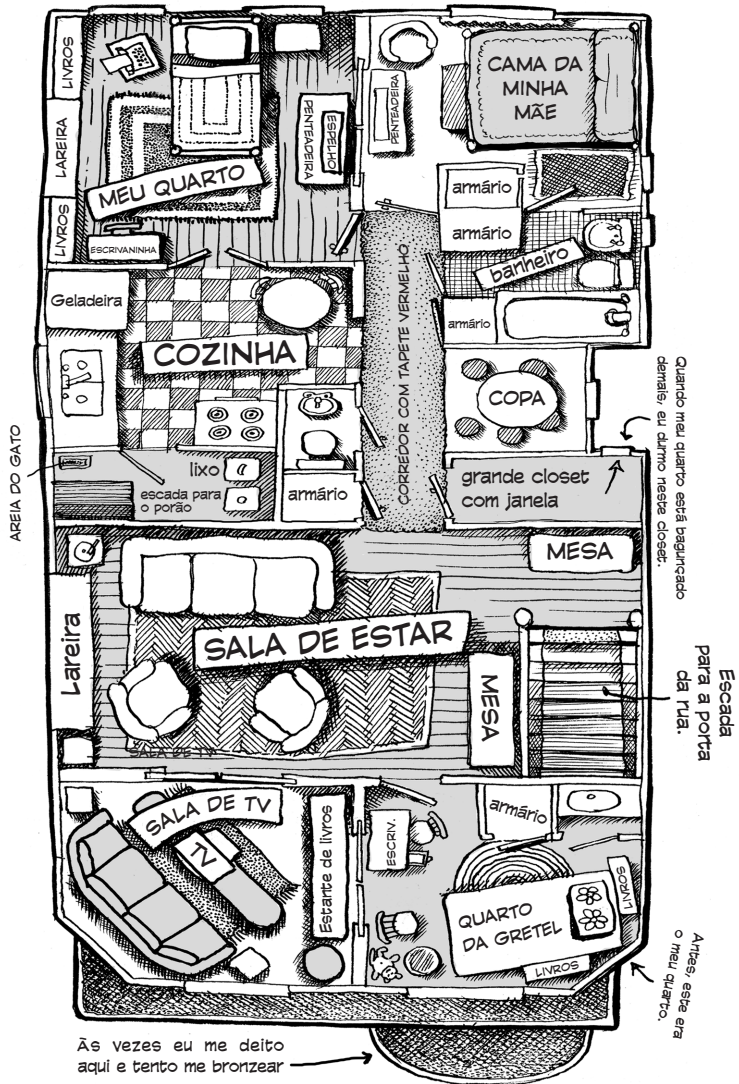
O Monroe inclina a cabeça e olha com o canto do olho de um jeito engraçado quando está bêbado, e a sua boca fica meio mole e descontrolada.

— Cacete, você quer mesmo transar comigo!

Eu ri de novo, não tinha certeza se queria transar com ele ou com qualquer outra pessoa. Mas eu tinha medo de perder a chance porque talvez nunca tivesse outra. Ele ligou o carro e deu para trás... fomos em direção à minha casa. Depois de um tempo, nenhum de nós disse nada de nada. Um calafrio apertava o meu coração e os meus dentes começaram a bater como se eu estivesse com frio ou assustada.



Outra noite eu bebi tanto que quase me afoguei na banheira. A mamãe ficou acordada com a gente, mas caiu no sono às oito horas. O Monroe me deixou beber o resto do vinho dela e mais do que isso. Depois de um tempo, tive que ir dormir. Eu me sentia muito mal. Ele me acompanhou até o quarto, tropeçando nas roupas sujas, livros e trastes no chão. Foi muito legal e me tranquilizou o jeito como esfregou as minhas costas enquanto eu vomitava ao lado da cama. O Monroe estava bêbado demais para limpar aquilo tudo, mas me fez entrar na banheira para tirar o vômito do meu cabelo. Encheu a banheira e depois saiu, por educação e respeito. Eu comecei a cantar: *aaabhhhhh that's the way ahã ahã I like it ahã ahã that's the way*. Então ele me disse que calasse a boca ou eu acordaria a mamãe e a Gretel. Fechei os olhos e me inclinei para trás na água morna. Minha cabeça parecia girar, exatamente como dizem que acontece quando você está bêbado. Quando saí, o Monroe tinha dormido no sofá.



Meu bairro e o interior do nosso apartamento.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA POR
ARVATO EM SETEMBRO DE 2015